

# Culto aos antepassados okinawanos: dicotomias na construção da identidade okinawano-japonesa no Brasil

*Samara Konno\**

O culto aos antepassados é uma das formas mais antigas de relação com o sagrado. Segundo Durkheim (2003), ele nasce da crença de um duplo ou simulacro da pessoa. Ou seja, da crença no espírito ou alma que anima o corpo, mas que pode desprender-se dela, passageira ou definitivamente. Sendo assim, a morte se apresenta mais como transformação do que como ruptura, em um processo no qual os antepassados possuem influência sobre o bem estar emocional e material dos descendentes.

Uma prática específica de culto aos antepassados, denominada *Sosen Suuhai*, é realizada com apreço pela comunidade okinawana do Brasil. A permanência desse culto não se limita apenas a mais uma expressão cultural de um grupo imigrante. Antes de tudo, trata-se de um ritual sagrado cuja centralidade está na família. Fato que se entrelaça à história da imigração e à memória coletiva de um grupo étnico japonês, com especificidades históricas e culturais bem demarcadas.

Neste artigo procura-se apresentar alguns aspectos do *Sosen Suuhai*, e a forma pela qual ele articula questões sobre a família e a comunidade. Atenta-se, sobretudo, para as relações entre o culto, a memória e as diferenciações perante os outros japoneses no processo de construção da identidade dos okinawanos no Brasil.

Antes de apresentar o culto em si é essencial expor a historicidade de Okinawa, já que ela apresenta muitas particularidades em relação às ilhas principais do Japão. Até 1879, as ilhas do arquipélago<sup>1</sup> compunham o Reino de Ryukyu, cuja primeira dinastia data do século XIII, sob o comando do Lorde de Urasoe (YAMASHIRO, 1997). No ano de 1609, a invasão de Ryukyu pelo xogunato japonês de Satsuma, impôs sua submissão política, com pagamento de

---

\* Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais (EACH- USP)

impostos ao governo japonês<sup>2</sup>. Apesar disso, as ilhas permaneceram com seus hábitos culturais até o século XIX, quando o contexto histórico do imperialismo e o crescente interesse de países ocidentais sobre o Oriente levaram o Japão à Revolução Meiji (1868) e à anexação territorial das ilhas de Ryukyu. Nascia assim, a província de Okinawa, em 1879. (KANASHIRO, 2010 apud HIGA 2011). A presença do governo Meiji impôs ampla disseminação da cultura japonesa nas ilhas, em detrimento da língua, hábitos e costumes locais.

Somado a isso, o início no século XX foi especialmente marcante em Okinawa por conta das dificuldades econômicas e demográficas. Surtos de doenças e baixa produção de alimentos decorrentes das intempéries climáticas foram fatores contribuintes para que um grande número de okinawanos emigrassem para o Brasil. Não por acaso, no navio Kasato Maru<sup>3</sup>, os okinawanos eram presença expressiva, com contingente de 44% dos imigrantes a bordo. Essa alta porcentagem de imigrantes okinawanos prosseguiu nos primeiros anos do fluxo migratório (KIMURA, 2003) e hoje a população okinawana chega a cerca de 10% de toda a comunidade nikkey neste país (AOKB, 2012).

O fato de o povo okinawano ter sido independente do Japão até o final do século XIX explica a presença de características culturalmente distintas dos outros japoneses. Tais especificidades contribuíram à comunidade okinawana crescer de forma muito fortalecida no Brasil. Entre os vários grupos de okinawanos espalhados em São Paulo, os números mais expressivos deles localizam-se nos seguintes bairros: Casa Verde, Vila Carrão e São Mateus (AOKB, 2012). Tal concentração comunitária faz parte da organização identitária do grupo, cuja força também se expressa na manutenção de diferentes práticas, hábitos e costumes okinawanos. Dentre elas, o culto aos seus antepassados mobiliza grande participação da comunidade, com a presença de *butsudan*<sup>4</sup> em cerca de 80% das famílias okinawanas de São Paulo (MORI, 2009).

Nesse culto memorial de caráter religioso, oferendas de alimentos, flores, orações e/ou conversas são feitas de maneira ritual aos antepassados. Segundo Peirano (2003), o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, que se organizam em graus variados de formalidade, estereotípias, fusão e repetição. Ou seja, suas características principais estão relacionadas à prática, como um fazer simbólico que reproduz uma certa organização do mundo. Nesse sentido pode-se dizer que o culto *Sosen Suuhai* reforça uma organização subjetiva de identidade familiar e de pertencimento okinawano. A identidade de grupo nesse caso é reforçada, já que o *Sosen Suuhai* enquanto um ritual de memória implica em lembranças de hábitos, costumes e histórias dos okinawanos cuja relação com os outros japoneses esteve, muitas vezes, atrelada às opressões econômicas, políticas e culturais. Não por acaso, palestras, encontros e conversas com pessoas da comunidade trazem à tona eventos históricos como a invasão de Satsuma (1606) e Segunda Guerra Mundial (1945). A evocação desses conflitos entre japoneses e okinawanos revelam relações de poder discrepantes entre os dois grupos, que acabam sendo um pano de fundo na construção de discurso identitário dos okinawanos no Brasil.

É absolutamente compreensível as diferenças entre okinawanos e os outros japoneses, devido as suas especificidades históricas. Mas a forma pela qual a comunidade procura demarcar suas diferenças é, em um processo de afirmação identitária, um fator que instiga estudos mais aprofundados. Segundo Mori (2009) esse processo é resultado do destaque social e econômico dos okinawanos, em relação ao restante da comunidade *nikkey*, a partir da década de 1960. A exaltação de suas diferenças okinawanas na sociedade brasileira teria sido uma forma de responder simbolicamente às primeiras décadas da imigração, em que os okinawanos eram associados, pelos outros japoneses, à características desqualificadoras como: sujeira, falta de comprometimento e bebidas alcóolicas.

De fato, as formas de demarcação identitária dos okinawanos no Brasil se manifestam de diferentes formas e matizes. Mas nos interessa apresentar neste artigo, apenas a maneira pela qual alguns dos elementos do culto aos antepassados foram acionados como marcadores de diferença étnica em relação aos japoneses e descendentes das ilhas principais do arquipélago.

## **O culto aos antepassados okinawanos: história, memória e identidade**

O *Sosen Suuhai* okinawano está atrelado especialmente ao budismo e ao xintoísmo. O primeiro estabelece o modo pelo qual se faz os rituais funerários e de pós-morte, o segundo possui influência nas crenças em rituais de purificação e na existência de uma percepção tênue entre deus, homem e natureza, na qual está embasado o politeísmo e a crença de poder dos ancestrais sobre os aspectos materiais e emocionais da vida familiar. Daí o culto aos antepassados estar baseado em uma relação de reciprocidade. Conforme o antepassado vai evoluindo a partir de cuidados como missas, orações e oferendas da família, ele mesmo se torna capaz de ajudar física, material e emocionalmente seus descendentes vivos.

Essa trajetória de ascensão do espírito possui três estágios rituais bem definidos, que são realizados no período de 33 anos. Os rituais mais importantes são as missas de morte, realizadas geralmente em casa e com abundância de oferendas alimentares<sup>5</sup>. Elas são realizadas em periodicidades diferentes em cada um dos estágios do culto. Nos primeiros 49 dias pós-morte, por exemplo, as missas são intensas, feitas a cada 7 dias. No 49º dia ocorre um ritual de passagem com queima do *ihai*<sup>6</sup>, simbolizando a passagem definitiva do falecido para o mundo dos mortos.

A partir da missa de 49 dias se inicia a segunda fase do *Sosen Suuhai*, em que as missas ocorrem em períodos mais esparsos, no 1º, 3º, 7º, 13º, 25º e 33º aniversário de morte. Tal espaçamento do período de missas se dá por conta da crença de que o falecido está evoluindo no mundo espiritual e se desapegando do mundo material, sendo cada vez menos dependente das oferendas alimentares. No 33º aniversário de morte, um rito de passagem solene determina o nível máximo de desenvolvimento espiritual dos ancestrais, sendo realizada a última missa em nome daquele falecido. A partir desse momento ele passa a fazer

parte da “raiz tronco” da família, deixando de ser um antepassado em processo de desenvolvimento para se tornar um ancestral (deidade) caracterizado pela evolução e desapareço do mundo material.

É importante atentar que a percepção de deidade da cultura japonesa politeísta considera que os *kamis* (Deuses) estariam próximos da ideia de humanos com algum tipo de “qualidade extraordinária, como os imperadores, heróis ou ancestrais da família” (SASAKI, 2011, p. 04). De fato, os interlocutores dessa pesquisa percebem os ancestrais dentro dessa mesma concepção, talvez porque ela esteja de acordo com algumas linhas espíritas bem difundidas no Brasil, em que há crença na evolução do espírito após a morte. Fica claro que este culto se trata basicamente de um ritual religioso, com noções de sagrado e profano, em que as oferendas são um meio importante pelo qual ocorre a transformação do antepassado em uma deidade ancestral.

Esse caráter de transformação da natureza do falecido através de um ritual religioso, com oferendas de alimentos, incensos, flores e orações aos espíritos, leva a pensar que a percepção mais óbvia do culto estivesse ligada à religião, de modo que as construções dessa prática sobre a identidade em si, aparecessem de forma muito mais sutil ou camuflada dentro do discurso da fé no poder dos ancestrais. Porém, os entrevistados dessa pesquisa mostraram uma percepção muito clara do cultivo da memória familiar através do culto. Segue um exemplo em que a motivação histórica em torno do *Sosen Suuhai* se sobressai à motivação religiosa:

*Cássia: O significado disso (do culto aos antepassados) na verdade é muito importante. Você estar na frente do butsudan é como você estar lembrando, estar aceitando que você é o que foi feito pelos antepassados. É uma forma de agradecimento; é um momento que, “opa”, eu tô aqui, eu sou uma coisa, eu não tô vindo do nada, né?” De agradecer... Eu acho assim, que eu acho, talvez, que a tradição, lá no fundo, pode não ser... Não é que você fique cultuando os antepassados, “óóó” para o espírito dele. O espírito dele já foi, já encarnou de novo e tal e não sei o quê... É meio que pra gente, olha... Pra você saber que você veio de algum lugar, tem uma história por trás. E é super importante lembrar também, ficar o tempo todo para lembrar para os nossos filhos. Você veio de algum lugar, teu bisavô veio há cem anos e você hoje tá melhor, porque eles trabalharam e você tem que manter isso que é pra contar para os seus filhos, e seus filhos vão contar para o outro e daqui 120 anos... Eu tenho uma história aqui. De quando chegou aqui nesse país, né? Então, “por isso que você tem que estudar”, por isso (interrompe), é a única herança né, a gente está num momento muito melhor do que eles quando vieram cortar mato, pau e tal, pra poder fazer a casinha.*

Nesse caso, a fala está centrada na identidade familiar e na realização do projeto migratório ao Brasil. Essas gradações do culto como religião ou história familiar variam de acordo com a subjetividade de cada pessoa. Mas, de qualquer maneira a história individual e familiar são bem demarcadas, tanto entre os entrevistados quanto nas conversas informais com praticantes do culto. Pode-se dizer também que essas narrativas não foram desenhadas ao acaso, devendo-se considerar o caráter migratório do grupo em questão. Afinal a imigração é, muitas vezes, um projeto familiar que implica em negociações e sacrifícios de toda família, que acredita no sucesso financeiro em um novo lugar (SAYAD, 1998). Além disso, o processo migratório dos okinawanos no Brasil foi demarcado por um duplo desconforto: primeiramente, por serem vistos como japoneses pela sociedade acolhedora, o que implicava na estereotipação destes como inassimiláveis e consequentemente inapropriados para o projeto de construção de uma identidade nacional. Em segundo lugar, por conta do preconceito dos próprios japoneses, que atribuíam aos okinawanos uma cultura inferior à dos japoneses das ilhas principais.

*Alzira: Na época que a gente estava no primário, havia famílias que olhavam a gente meio... Sabe? Meio torto.*

*Samara: Japoneses?*

*Alzira: Japoneses. Como também já ouvi falar, "eu prefiro ver meu filho casado com brasileiro do que com okinawano" sabe? Coisa do tipo. Existia sim, mas agora, eu acho que já tá mais globalizado (risos).*

Rosana também relata:

*Samara: Você acha que as diferenças entre japoneses e okinawanos deixaram de existir?*

*Rosana: Não. Falam que não existe. É igual negro, fala que não existe, mas existe. Eu acho que existe. Eu sempre fui bem recebida (pausa), mas eu acho que existe.*

Essas memórias de infância que levam a percepção de conflito e oposição aos outros japoneses são reforçadas pela história oficial: Referências à invasão de Satsuma (1608), à Revolução Meiji (1878) e a Segunda Guerra Mundial (1945) foram expostas em encontros organizados pela comunidade sobre cultura okinawana. Em uma palestra sobre o karatê okinawano, foi dito que esta arte marcial teria sido criada pelas necessidades de proteção, especialmente após a entrada de Satsuma (1608) em Okinawa. Dentro desse contexto, os okinawanos utilizavam treinos noturnos como forma de se camuflarem perante o exército japonês.

Ao fazer a demonstração do uso do bastão (*kin*), foi dito que o hábito de escondê-lo entre os móveis da sala visava uma rápida defesa em casos de invasão do exército japonês, que objetivava tomar as casas de civis como abrigo durante

a Segunda Guerra Mundial. Houve também relatos sobre o assassinato de okinawanos civis pelo exército nacional, por serem acusados de espionagem em favor do governo norte americano. Assim, pode-se perceber que desconfianças latentes entre okinawanos e os outros japoneses acabaram levando a atitudes violentas em momentos de grande tensão, como a Segunda Guerra Mundial, reforçando as divergências entre eles.

Em momentos como este, de apresentação da cultura okinawana, é comum que se faça uma retomada histórica para situar os ouvintes sobre o contexto no qual determinadas expressões artísticas ou folclóricas surgiram. Nessa situação, apresentar Okinawa em um contexto de relações com o Japão torna-se inevitável. É necessário atentar para o fato de que essas relações não são totalmente permeadas por oposição ou conflito. O contato entre Japão e as ilhas de Ryukyu estavam embasadas em relações comerciais em que trocas e influências culturais são inevitáveis (KEER, 2000). A formação da província de Okinawa também implicou na difusão da língua japonesa e dos ensinamentos do espírito de Yamato Damashi<sup>7</sup>, levando a construção de um *ethos* japonês voltado para os ideais confucionistas centrados na figura do imperador. Porém, deve-se considerar que muitos momentos marcantes de contato entre okinawanos e japoneses foram traumáticos, como os demonstrados acima.

Esses momentos históricos, lembrados em palestras sobre cultura okinawana, nada mais são do que parte de uma memória coletiva. Segundo Halbwachs (1990), o grupo é o elemento pelo qual se constrói e se mantém a memória. Seu mecanismo está embasado no grupo, na sua capacidade de compartilhar, lembrar, reviver. Tal característica da memória pode ser comprovada por estudos que demonstram haver influência de histórias compartilhadas, por outrem, na formação de lembranças aparentemente individuais (KOTRE, 2013). Com base nisso, não é descabido afirmar que encontros como esse, de apresentação da história okinawana, acabam retroalimentando lembranças de conflito e preconceito sofridos na interação com outros japoneses, ainda que a intenção dessas palestras e encontros seja de difusão cultural. Assim, pode-se afirmar que tais momentos são representativos e contém informações importantes sobre a forma pela qual se constrói a identidade okinawana no Brasil.

A historicidade entre os dois grupos acaba reverberando na forma pela qual características do culto aos antepassados okinawanos são evidenciadas e construídas de forma antagônica às características do culto praticado pelos outros japoneses.

Essas diferenças giram em torno de dicotomias em que aspectos relacionados à seriedade são atribuídos aos japoneses, enquanto outros aspectos, relativos à alegria e afabilidade, são relacionadas aos okinawanos. Muitas dessas diferenças foram expostas através de significados atribuídos a objetos e conceitos em torno do culto *Sosen Suuhai*.

Uma das associações reveladas foi entre o politeísmo e a importância da mulher no culto okinawano, concatenados às relações de horizontalidade e solidariedade, em oposição ao monoteísmo do budismo tradicional, marcado pela hierarquia e patriarcalismo. Segundo um interlocutor:

Shinji: *Então, como a espiritualidade parte das mulheres, e para a mulher a sociedade é vertical ou horizontal?*

Samara: *Seria horizontal.*

Shinji: *Tai, por quê? Família. Família. Ela vê a família como todo mundo igual. Então lá em Okinawa não tem o mais pobre. Existe, ou todo mundo pobre, ou todo mundo bem. Tanto é que o homem partiu para criar a religião. E a religião é uma instituição. Instituição tem dono? Hierarquia vertical e a hierarquia vertical não vê essa base, ela vê isso aqui ó... Em cima, e embaixo um. Ou seja, o padre não quer saber do seu pai, seu ancestral, nada disso.*

No ponto de vista desse interlocutor as mulheres são o esteio da horizontalidade das relações religiosas. Essa afirmação tem que ser contextualizada à posição das mulheres okinawanas como responsáveis pelas práticas do culto aos antepassados e detentoras do conhecimento espiritual. A importância desse posicionamento pode ser bem apresentada na figura das *yutás*. Elas são xamãs que entram em contato com os mortos, realizam rituais funerários e resolvem problemas em relação ao *Sosen Suuhai*. No Brasil, essas *yutás* também são muito apreciadas e disputadas pela comunidade, sendo difícil o agendamento de consultas, por exemplo.

Outro exemplo de diferenciação dos okinawanos em relação aos outros japoneses, foi exposto a partir de oposições entre dois conceitos: o *otagai* (okinawano) com os valores de troca mútua e comprometimento social e *okaeshi* (japonês), que, segundo Takaka, significaria retribuição material.

Takaka: *Aqui é interessante porque quando tem missa de alguém, já vai falando, "ó, tal lugar tem missa." Já avisa porque a missa no costume de Okinawa é o seguinte, otagai você sabe né? Na verdade, agora mudou o sistema, antes era assim. Okinawano não fazia okaeshi. Okaeshi é quando tem missa e dá uma lembrança né? Esse okaeshi, em Okinawa quase não dava. Mas, agora okinawano está casando com japonês, tá usando sistema geral do Japão. Okaeshi devolveu né? Então "não tô devendo mais nada pra você". Agora, sistema de Okinawa não. Tem que continuar sempre. Nada de okaeshi. Okaeshi é modo de dizer que já devolveu.*

Ela afirma que quando não havia o *okaeshi*, os laços comunitários em torno das missas de morte sempre tiveram continuidade, sugerindo a oposição entre solidariedade (*otagai*) e pagamento material (*okaeshi*). Porém, em uma oportunidade de observação participante em uma das missas de morte, notou-se a existência tanto de *otagai*, com presença de cerca de 70 pessoas entre familiares e amigos, quanto do *okaeshi*, que foi entregue a cada convidado no

momento de despedida. De fato, o *okaeshi* (lembrança dada em retribuição à presença da pessoa) não interfere e nem entra em contradição com a prática do *otagai*, que seria a responsabilidade de comparecer em alguma missa da contraparte. Independentemente da raiz cultural de cada conceito, é interessante perceber como a entrevistada os acionou em um processo de diferenciação entre japoneses e okinawanos, que na prática não são opostos nem excludentes.

Outro exemplo dessas dicotomias em torno dos elementos do *Sosen Suuhai* está no fato da cor do *ihai* ser vermelha em Okinawa, e preta no Japão, sendo atribuída à cor, a festividade okinawana e à sobriedade do luto japonês, respectivamente.

## **Família e Comunidade: *icharibachoo***

Dentre essas características atribuídas aos okinawanos, a solidariedade possui uma característica especial, pois foi apresentada na interface com a noção de família. Segundo

*Kanashiro: Essa é a diferença do naichi<sup>9</sup>, porque o japonês que não é descendente de Okinawa ele é mais reservado né? Eu já percebi isso. Eu vejo assim com coisa de trabalho, que às vezes a gente cruza com alguém que é de Okinawa, ai: “ah, é de Okinawa”, então é bem diferente. E essa coisa que bate muito é esse conceito de família.*

Note que a solidariedade okinawana não aparece em simples oposição à reserva dos *naichi*. Ela vem acompanhada de uma forte percepção de família em uma interface com a comunidade, como pode-se perceber na fala de Kanashiro:

*Acho que dá uma identidade um pouquinho mais de família. Por exemplo, vem uma pessoa descendente de japonês, tem uma identificação. Agora, quando você vê uma pessoa que é descendente de Okinawa, parece que você pensa que é prima sua. É da sua família mesmo. Algumas particularidades de comportamento é de dentro de casa mesmo. É isso ai.*

Essa identificação entre a comunidade okinawana e o pertencimento familiar também foi exposta por Shinji:

*Então, por exemplo, por quê que o budismo, o xintoísmo e o católico não vingou em Okinawa? Porque é família, família; cotidiano; porque você tem sete gerações; você imagina... O budismo entrou no Japão. O japonês virou católico, por quê? Porque o Buda é o messias. Porque é uma instituição. e então, você trocar Buda por Cristo é um por um. Só que Okinawa não, é um túmulo. Do clã familiar, você pode até não ter filho, mas tem alguém da família rezando por você. Entendeu?*

*E como é que você vai pegar lá na sua casa, que tem um monte de nome lá (ihai)... você descartar tudo e por Cristo, se todo mundo vem rezar na sua casa? Não tem como... É um compromisso que você tem perante a sociedade.*

O interlocutor expõe a construção de uma identidade associada à religião, mas a partir da sua relação com a família e a sociedade, em oposição ao monoteísmo cristão e budista largamente difundido na cultura japonesa. Sua fala de que o catolicismo não “vingou” em Okinawa pode ser vista como uma diferenciação com os brasileiros, cuja religião ainda segue sendo majoritariamente católica. No caso do budismo, se trata de uma diferenciação com os japoneses das ilhas principais. Assim, em ambos os casos, essa oposição/relação mostra que a família okinawana seria o esteio das relações religiosas. O apego à família é justificado simbolicamente na relação sagrada com os antepassados e cujo compromisso seria perante a sociedade/comunidade okinawana como um todo. Uma característica que difere os okinawanos dos brasileiros (católicos) e dos japoneses (budistas).

Essas relações de solidariedade comunitária, entrelaçadas a percepção de família okinawana, possuem um termo específico: “*ichariba choode*” que, evocado na língua materna de okinawa, significa “quando nos encontramos somos todos irmãos”. Não por acaso esse termo foi apresentado pela maioria dos entrevistados ao pensarem sobre uma definição de ser okinawano no Brasil. Trata-se de um conceito utilizado por aqueles que compartilham de um sentimento de pertencimento à Okinawa, implicando na diferenciação em relação aos japoneses das outras províncias.

## **Considerações finais**

Fica claro que as explicações acerca das diferenças entre okinawanos e outros japoneses revelam oposições baseadas, principalmente, na expansão, na alegria e solidariedade dos primeiros em contraposição às características de reserva e frieza dos outros japoneses. Essas dicotomias construídas no discurso identitário devem ser lidas na baila da “cultura”. Segundo Cunha (2009), a cultura difere da “cultura”. A primeira seria relativa à estrutura de pensamento de uma sociedade, enquanto a segunda seria construída a partir de um processo de auto reconhecimento dessa estrutura, processo este que não raramente vem acompanhado de esforços para a construção de estratégias de valorização social. É importante também reforçar que identidade implica em se pensar numa abrangência de diversidades regionais construídas em espaços, grupos e historicidades específicas. Nesse caso, homogeneizar as diferenças étnicas, culturais e regionais da diversidade japonesa em categorias como “reservado”, “frio” e “sóbrio” não se trata da realidade, mas sim, da construção de um discurso que, inconscientemente, evidencia as diferenças okinawanas por meio da caracterização uniforme dos outros japoneses.

Se por um lado a identidade baseia-se na oposição com os japoneses, por outro sua própria lógica interna remete a conceitos nativos, como o *ichariba choode* e a práticas como o culto aos antepassados. A questão é perceber que mesmo essa lógica interna não trabalha sozinha. No caso da comunidade, esses conceitos não apenasse mantiveram, mas se reforçaram, indicando que essa noção de solidariedade grupal, de identidade familiar e de pertencimento okinawano estão intrinsecamente relacionadas à sua percepção de pertencimento japonês.

Essa situação é bem marcada no Brasil, em que a comunidade costuma ser homogeneizada como japonesa pela sociedade de destino, sem que sejam levadas em consideração suas particularidades identitárias e étnicas. Por outro lado, por muitos anos, a comunidade *nikkei* composta por uma maioria de japoneses das ilhas principais, contrastou essa homogeneização através da exclusão e das classificações pejorativas que relegavam aos okinawanos uma sub categoria japonesa.

Ainda que as relações entre os grupos tenham sido muitas vezes conflituosas, a identidade okinawana não está totalmente em oposição a dos outros japoneses, como já dito anteriormente. Afinal, séculos de trocas comerciais e relações políticas precederam a constituição de sua nacionalidade japonesa em 1879. Além disso, características como seriedade, comprometimento no trabalho, apreço pelos estudos e respeito aos mais velhos, são compartilhadas, também, pelos okinawanos. Não se trata de negar a identidade japonesa, mas sim de diferenciar-se deles em um determinado momento.

Assim, pode-se dizer que o *butsudan* como lugar central da memória, com toda reverência à historicidade familiar e à sacralidade dos ancestrais, parece estar atualizado por uma forte diferenciação étnica em que recordar e pertencer estão sutilmente engendrados a um jogo identitário. A resposta okinawana se baseia em uma estratégia de sentido oposto. Acionar e reforçar características que lhes possam conferir autonomia da construção de suas identidades num sentido positivo, não assimilando os estereótipos a eles atribuídos. É um trabalho de ressignificação poderoso, por meio do qual os okinawanos se percebem como um grupo que completou o sucesso do projeto migratório de seus ancestrais.

## Notas

1 Composta por mais de 160 ilhas, o arquipélago fica a cerca de 1.500 Km ao sul de Tóquio, capital japonesa.

2 O Reino e Ryukyu já pagava impostos ao governo chinês, passando a pagar tributos aos dois governos. Tal situação explica a grande influência dos dois países sobre a cultura okinawana.

3 Este navio chegou ao Brasil em 1908, com a primeira leva oficial de japoneses imigrantes ao Brasil.

4 *Butsudan* é um oratório, geralmente de madeira, em que são realizadas oferendas aos ancestrais da família.

5 Geralmente se oferecem *moti* (um tipo de bolinho doce feito com massa de arroz), *manjú* (uma espécie de bolinho recheado com massa de feijão azuki), bolinho de batata, cenoura, nabo, raiz forte e carne de porco.

6 *Ihai* é uma plaqueta que leva o nome e dia de morte do falecido.

7 *Yamato* é um termo utilizado para se referir ao antigo nome do Japão. *Damashi* significa alma ou espírito. O termo designa valores como honra, bravura e lealdade que caracterizavam os samurais japoneses. Durante a Segunda Guerra Mundial o termo ganhou força, sendo atribuído aos soldados e aos kamikazes.

8 Nas missas de morte é costume se oferecer uma lembrança ao visitante no momento em que ele estiver de saída. Seria uma forma de agradecimento pela presença da pessoa. Essa lembrança é chamada de *okaeshi*.

9 *Naichi* é um termo em língua japonesa usado para designar os japoneses das ilhas principais. É muito usado em diferenciação ao termo *uchinanchú*, da língua okinawana, que significa pessoa de Okinawa.

## **Bibliografia:**

ASSOCIAÇÃO OKINAWA KENJIN do BRASIL. *Um Século de história: a comunidade Okinawana no Brasil, desde o navio Kasato Maru 1908-2008*. São Paulo: Ed Paulo's, 2012.

CUNHA, M.C. *Cultura com aspas*. São Paulo, Cosac Naify, 2009.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa: o Sistema Totêmico da Austrália*. Trad. Paulo Neves. 3. reimp. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HIGA, M. L. *As Flores do Bálsamo: apontamentos sobre Cultura e Espírito Uchinanchú na Comunidade Okinawana no Brasil*. (Monografia de bacharelado em Ciências Sociais-UNIFESP). São Paulo, 2011.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

KANASHIRO, V. Uma Introdução aos Estudos Okinawanos. *Anais do VIII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil*. Brasília, 2010.

KERR, H. G. *Okinawa: The History of an Island People*. Boston: Tuttle Publishing. 2000.

KIMURA, H. *Os okinawanos em Araraquara: A identidade negociada*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, Campus Araraquara, 2003.

KOTRE, J. A verdade e a utilidade das histórias. In: MAGALHÃES, V.; SANTHIAGO, R. *Depois da Utopia: a história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz, 2013. p. 29 38.

MORI, K. *Culto aos Antepassados, Yutá e Comunidade: prática ao Culto aos Antepassados pelos Descendentes e Okinawanos no Brasil*. *Estudos Japoneses*, São Paulo, n. 29, 2009, p.81-90.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SASAKI, E.M. Valores sociais e culturais nipônicos. In: *IV Encontro sobre língua, literatura e cultura japonesa*, 2011.

SAYAD, A. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

YAMASHIRO, J. *Okinawa: Uma Ponte para o Mundo*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1997.

## RESUMO:

Os okinawanos são um grupo de nacionalidade japonesa, mas com particularidades históricas e culturais, que se expressam, também, nas práticas do culto aos antepassados, chamado *Sosen Suuhai*. Assim, esse artigo tem por objetivo expor algumas das relações entre este culto e aspectos como família, comunidade, identidade e memória dos okinawanos no Brasil, a partir de entrevistas de história oral temática com praticantes do culto e de observação participante na comunidade okinawana da cidade de São Paulo, entre os anos de 2013 e 2014. Primeiramente, as relações históricas entre okinawanos e japoneses são apresentadas como pano de fundo da articulação entre culto, memória e identidade. Em um segundo momento são apresentadas associações do culto okinawano com características relativas à alegria e expansão, em oposição à sobriedade e hierarquia do culto japonês. Tal dicotomização dos significados do *Sosen Suuhai* se mostrou estratégica, tanto para a demarcação étnica, quanto para ressignificação da identidade okinawana no Brasil.

**Palavras-chave:** culto aos antepassados, identidade, Okinawa

## ABSTRACT:

The Okinawans are Japanese with historical and cultural particularities, including ancestor worship, known as *Sosen Suuhai*. This paper aims to expose some of the relations between this practice and other aspects of life such as family, community, identity and memory of the Okinawans in Brazil. This study is based on interviews from worship practitioners and participant observation in the Okinawan community in São Paulo, between 2013 and 2014. First, the historical relations between okinawans and Japanese are displayed as a background to worship, memory and identity. Secondly, we will present some associations between okinawan worship which is characterized by joy and expansion, characteristics that are opposed to the sobriety and hierarchy of the Japanese cult. This dichotomy of meanings attributed to *Sosen Suuhai* has been strategic to the ethnic demarcation and to reframing Okinawan identity in Brazil.

**Key-words:** ancestor worship, Identity, Okinawa